

# Colonizador-colonizado:

uma relação

educativa

no movimento

da história



LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira.  
*Colonizador-Colonizado: uma relação educativa no movimento da história.* Belo Horizonte, Editora UFMG, 1985.

Em boa hora a Universidade Federal de Minas Gerais resolveu estabelecer uma política editorial através de recursos próprios, que, em regime de co-edições, buscará promover a divulgação do que é a produção natural da Universidade — o ensino e a pesquisa. Hoje, parcela significativa dessa produção fica engavetada, geralmente adormecida em teses a que poucos têm acesso, privando a sociedade, sua mantenedora, do acesso fácil àquilo que a Universidade realiza como função especí-

fica: o pensar crítico. Engavetadas as teses acadêmicas, que retorno a sociedade terá de seus investimentos nesses centros denominados Universidade?

Esta situação é grave em quase todos os estados brasileiros, entre eles Minas Gerais, pela ausência de editoras interessadas em linha editorial tão específica.

Procurando cobrir essa lacuna, a editora da UFMG iniciou sua atuação, promovendo o lançamento de quatro novos títulos, entre eles "Colonizador-Colonizado: uma relação educativa no movimento da História", de autoria de Eliane Marta Santos Teixeira Lopes. Originalmente produzido como tese de doutoramento junto à PUC/SP, a obra é um excelente trabalho de pesquisa, dando tratamento novo, por

uma nova leitura, à documentação já conhecida, mas ainda não explorada, nos caminhos propostos pela autora.

Partindo de clássicos como Tocqueville e fundamentando suas premissas em Marx, a autora procura demonstrar, e consegue, como a relação colonizador/colonizado é um processo dialético que pode ser percebido em uma relação de aprendizagem, numa dinâmica didática na qual o homem comum europeu — colonizador em princípio — ao se ver transferido para as terras brasileiras, passa a viver não outra realidade, até então só idealizada, mas a realidade do sistema da colonização, e a se confrontar diretamente com a situação que Vilhena resumiu muito sucintamente em sua Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasíliaicas —

“não é das menores desgraças o viver em colônia”. Nesta relação pouco confortável o colonizador, já agora colono, em sua busca de propriedades, de ascensão social, sofre a opressão metropolitana. Foi nesta condição que esse ser colonial tomou consciência — ele que pensou ser dominante — de sua situação de explorado. A dinâmica interna do processo de ocupação da terra, do desencadear das relações de produção, da organização interna da circulação e da divisão do trabalho define um novo mundo que será confrontado com aquele que lhe deu origem. Seria a concretização do “futuro do passado” como cantou Fernando Pessoa (cujos versos são epígrafe do texto) ao referir-se à América, buscando, de modo dialético, sua independência, superando suas origens, negando seu rei, completando-se no processo dinâmico da História vivida através dos conflitos sociais.

Nesta contradição básica, a autora não coloca a questão do escravo (mas não se esquece de apontar a lacuna) enquanto ser arrancado do seu espaço e sujeito ao trabalho compulsório, equipado às bestas de carga, por razões jurídicas que buscavam justificar e cobrir os interesses econômicos dominantes. Mesmo que de passagem, porém, o leitor é informado de inúmeros casos de levantes negros, de quilombos e de tentativas de sedições escravas nas Minas coloniais.

Não podemos perder de vista que a autora defendeu tese de doutoramento em Educação e é em Pedagogia sua formação acadêmica. Dedicando-se ao ensino da História da Educação, na obra, o gosto pela História, parece, vai ganhando cada vez mais espaço enquanto pesquisa, mas o objeto continua situado na questão da educação. Assim é que, para provar suas premissas, a autora faz paciente leitura dos textos e documentos (geralmente oficiais) que trataram das Minas no século XVIII e neles busca o viés da fala do colonizador, enquanto proposta peda-

gógica, ainda que inconscientemente fixada. As palavras que busca são aquelas diretamente tratadas pelo governante/professor/colonizador, na relação de ensino governante/governado, súdito/colonizado, poder/relações sociais. Na impossibilidade de realizar a leitura da fala do colonizado, pela inexistência desta, amordaçado que está o colonial, faz-se a leitura do governante/colonizador, através de seus discursos, admoestações, relatórios, recados, conselhos, testamentos políticos. O que se quer é destacar, no momento da fala, palavras como escola, ensinar, aprender, lição, etc. Aquelas palavras, enfim, de que primeiro se lança mão no universo da Educação — num processo educativo, para sentir o colonizado via visão e temor do colonizador. Como ato político, esta educação é informal e está carregada de contradições — a básica, no caso, é que o colono, nas Minas, se vê fora do império, das leis da Metrópole, e na reação à legislação metropolitana está o fulcro da luta contra a ação governativa dos funcionários portugueses e, por extensão, da própria metrópole.

Este modo de ver dos agentes, dos homens, na História, por outro lado, nega a existência de histórias particulares para integrar tudo na História, com seres reais e totais, agindo e reagindo em suas relações de classe, com suas contradições nascendo como força endógena ao sistema no qual estão ligados.

A obra está dividida em três capítulos. No primeiro, a autora fixa seus marcos teóricos, expondo seus conceitos de História. No segundo, são expostos diversos acontecimentos nas Minas do séc. XVIII, desde os primeiros momentos da conquista, passando pelos emboabas e Felipe dos Santos — instantes chave da política pendular metropolitana para o entendimento da questão do colonizador/colono. Ao incentivo à busca particular, às penetrações rumo ao sertão com apoio régio, surge um segundo momento — a

montagem da máquina administrativa e recolhadora dos impostos das terras d'El Rei. A partir desses instantes, está patente a tensão, bem percebida pelo Conde de Assumar, ao descrever o mineiro: “aquele que quer viver conforme suas leis” — leis do colonizado, o que é impossível numa relação colonial. Assim desdobra-se uma lista de movimentos insurrecionais e motins pelos sertões, acompanhando as várias formas pelas quais passou a cobrança do quinto até 1789.

O terceiro capítulo trata do próprio homem colonial. O discurso do governante contraposto ao “viver em colônia”.

Completa o texto uma conclusão, relembrando a relação educativa do povo que o exercício do poder traz em si.

É de se lamentar a não inclusão, no livro, dos adendos, documentos que completaram o original da tese — um farto volume de 493 páginas. Outra falha também deve ser apontada. A inexistência de quadros cronológicos situando os acontecimentos e seus atores, bem como a ausência de mapas das Minas do séc. XVIII e de hoje, o que facilitaria a leitura e situaria os leitores não especialistas, já que desejamos atingir o máximo de público com a produção acadêmica.

*Ciro Bandeira de Melo*

Professor Assistente do Departamento  
de História / UFMG  
Aluno do Mestrado em  
Educação/FaE/UFMG